

Título: Sociedade em rede & redes de sociabilidade: algumas considerações sobre as relações entre tecnologia, cultura e sociabilidade .¹

Autor: Marco Antônio de Almeida²

USP/Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto

Resumo:

O texto procura alinhar algumas reflexões que vem sendo construídas acerca das relações sociais mediadas pela rede constituída pelas novas tecnologias de comunicação e informação, caracterizadas por uma polarização entre “tecnófilos” e “tecnófobos”. Tomando a Internet como referência principal, constrói um breve histórico de sua gênese, buscando identificar nesse processo algumas linhas de força que ainda atuam na configuração da sociedade em rede. Procurou-se construir não um programa de pesquisa em torno do tema, mas um conjunto de indicações para refletir acerca das ambivalências das novas tecnologias e de seus usos sociais.

Palavras-Chave:

Produção/consumo cultural e mediações; imagens, novos sensóreos e imaginário urbano; cotidiano, mídia e mercado.

¹ Trabalho apresentado ao NP 23 – Comunicação e Culturas Urbanas, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Mestre em Sociologia pela USP, doutor em Ciências Sociais pela UNICAMP, professor do curso de Ciências da Informação e Documentação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. E-mail: marcoaa@ffclrp.usp.br.

No tempo em que ainda era um *homo academicus*, Pierre Lévy fez uma interessante observação acerca das relações entre tecnologia e sociedade, numa perspectiva diferente da clássica postura frankfurtiana. Ao construir essa reflexão, ele trilhou o caminho de outros pensadores franceses que refletiram sobre o mesmo tema — Jacques Ellul, Abraham Moles, André Leroi-Gourhan, sem falar, obviamente, de Claude Lévy-Strauss. Para Lévy, a metáfora do “impacto” das novas tecnologias seria uma metáfora inadequada — a técnica deve ser considerada como produto social do homem, além de constitutivo da humanidade como tal. Nessa perspectiva, as técnicas, antes de determinar, condicionariam a sociedade e a cultura:

“Dizer que a técnica condiciona significa dizer que abre algumas possibilidades, que algumas opções culturais ou sociais não poderiam ser pensadas a sério sem sua presença. Mas muitas possibilidades serão abertas e nem todas serão aproveitadas. As mesmas técnicas podem se integrar em conjuntos culturais diferentes. [...] Uma técnica não é nem boa nem má (isso depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), tampouco neutra (já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha o espectro de possibilidades). Não se trata de avaliar seus “impactos”, mas de situar as irreversibilidades às quais um de seus usos nos levaria, de formular os projetos que explorariam as virtualidades que ela transporta e de decidir o que fazer dela.”³

Assumindo uma postura “anti-frankfurtiana” em relação ao papel social da tecnologia, Lévy, num certo sentido, atualiza a clássica oposição “integrados” e “apocalípticos” de Umberto Eco, oposição que, em relação à técnica, também poderia ser concebida, como quer Francisco Rudiger, entre “prometeicos” e “fáusticos”, ou, mais simplesmente, entre “tecnófilos” e “tecnófobos”. A questão é: não existiria um “caminho do meio”, a possibilidade de aspectos negativos e positivos em conjunto? Como observa Rudiger, “Prometeu e Fausto não deveriam nos cegar, por mais que esta esteja extenuada, para a presença de Minerva.”⁴

Nossa intenção neste texto é a de tecer algumas reflexões acerca de certas concepções que vem se cristalizando em torno das relações sociais mediadas pela rede constituída pelas novas tecnologias de comunicação e informação. Concepções que, principalmente quando absorvidas pelos veículos de comunicação de massa (mas não só por eles), tendem a se organizar segundo as dicotomias mencionadas acima. Nesse sentido, procuraremos manter uma postura equilibrada, buscando um “caminho do meio” — muito embora o ruidoso alarido do marketing que promete o paraíso informatizado dos tecnófilos faça crescer nossa simpatia pelos tecnófobos. É interessante, portanto, recuperar o processo histórico de reconstituição da rede para, a partir daí, perceber as linhas de força já presentes em sua gênese, que auxiliarão a avaliar seu uso social, os “condicionamentos” que ela propicia, segundo Lévy.

³ LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 25/26.

⁴ RUDIGER, Francisco. *Introdução às teorias da cibercultura: perspectivas do pensamento tecnológico contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 23.

Não temos a pretensão de mapear todas as questões complexas decorrentes do uso cada vez mais intensivo das novas tecnologias, nem tampouco correr o risco de mapear tendências ou fazer previsões “tofflerianas”. Como bem lembrou Neil Postman,

“Além disso, e mais importante que tudo, nem sempre está claro, pelo menos nos estágios iniciais da invasão de uma tecnologia em uma cultura, quem ganhará mais e quem perderá mais. Isto se dá porque as mudanças forjadas pela tecnologia são sutis, quando não são completos mistérios; e poder-se-ia dizer que são imprevisíveis. [...] as novas tecnologias mudam aquilo que entendemos como ‘conhecimento’ e ‘verdade’; elas alteram hábitos de pensamento profundamente enraizados, que dão a uma cultura seu senso de como é o mundo — um senso do que é a ordem natural das coisas, do que é sensato, do que é necessário, do que é inevitável, do que é real.”⁵

Desse modo, procuraremos centrar nossas reflexões nas potencialidades abertas — e também fechadas — pelas novas tecnologias no que tange às expressões culturais e às formas de sociabilidade contemporâneas.

O tecer da rede

Se recuarmos até o Renascimento, veremos que uma revolução cultural e cognitiva foi gestada a partir de dois processos paralelos: a introdução da imprensa e o uso da matemática aplicada. A partir delas, o Renascimento origina uma grande revolução técnica, que irá se caracterizar inicialmente pela substituição dos artesãos pelos engenheiros — enquanto o artesão só podia transmitir seu conhecimento de forma direta, o engenheiro possuía o recurso da obtenção de parte de seu saber formal através da mediação dos manuais impressos e dos desenhos técnicos. Desse modo, a própria técnica torna-se objeto de comunicação social. O princípio de performatividade, ausente na Idade Média, fixa a necessidade de uma realização eficaz dos projetos e se transforma na essência da cultura material que se torna dominante a partir do Renascimento. Desde então, e mais aceleradamente ainda depois da Revolução Industrial, a dominação quase absoluta do cálculo nos mais diversos setores da vida humana só foi limitada pelo lento progresso das calculadoras — a maioria dos cálculos continuou sendo feita à mão.

Ampliou-se enormemente a quantidade de dados e informações necessárias para o gerenciamento da vida social. Nesse sentido é que irá se desenvolver a mecanografia, técnica cujo objeto é mecanizar a coleta e o tratamento dos dados e, de maneira mais genérica, de todas as informações sociais e econômicas. Os arquivos e inventários, existentes desde os mesopotâmicos, se desenvolvem profundamente a partir da Renascença, desembocando, no

⁵ POSTMAN, Neil. *Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia*. São Paulo: Nobel, 1994, p. 21/22.

final do século XIX, na primeira máquina mecanográfica, de H. Hollerith, utilizada no censo norte-americano de 1890. O cartão perfurado já se configura como suporte de informação universal, pois seu sistema de transcrição de informação é independente da língua. A política social de Roosevelt impulsionou ainda mais a utilização dessa tecnologia, criando um imenso centro estatístico para dar o suporte para o planejamento das políticas do *New Deal*.

Outro aspecto importante do processo que desembocará na informática já vinha se desenrolando desde o final do século XIX: descobertas na área do eletromagnetismo que posteriormente serão potencializadas pela telefonia sem fio, televisão, radar e computador. *A eletrônica se desenvolve, de fato, no mundo das técnicas de comunicação*. Ocorre uma série de descobertas e aperfeiçoamentos entre 1887 e 1906 (Herz, Edson, Marconi, Fleming, Lee de Forest) que abrem a possibilidade de utilização da “corrente fraca” em oposição à eletricidade comum, criando o elemento fundamental do novo sistema técnico contemporâneo.

A entrada dos EUA na Segunda Guerra Mundial será o passo decisivo no desenvolvimento da Informática. Os norte-americanos construirão um modelo de guerra “técnica”, na qual o cálculo ocupa parte decisiva (como, aliás, na maioria das atividades desenvolvidas pela sociedade norte-americana). As “redes” de comunicação e colaboração entre cientistas proporcionada pela guerra possibilitam trocas de idéias, quebras de fronteiras do conhecimento e estabelecimento de novos desdobramentos tecnológicos. Como, por exemplo, o desenvolvimento de novos mecanismos de defesa contra os aviões, que mobilizou Norbert Wiener durante a guerra. Ele integrou a tecnologia do radar e a das calculadoras, chegando assim a uma solução inédita até então, introduzindo o conceito de retroação (*feedback*). A partir de sua proposta de comparação entre certos dispositivos automáticos e determinados comportamentos humanos é que surgirá a cibernética, abrindo novas possibilidades para a ciência⁶.

É importante também destacar o papel dos engenheiros de telefonia, em especial dos laboratórios Bell, bem como a contribuição decisiva do matemático John Von Neumann. A grande “sacada” de Von Neuman foi a de prover o computador de uma unidade de controle interno capaz de organizar automaticamente os movimentos das informações com base em um programa previamente definido e de uma “memória”. *O computador desde o início demonstrava um potencial comunicacional evidente*, já que a informação passou a existir na

⁶ “A minha tese é a de que o funcionamento físico do indivíduo vivo e o de algumas máquinas de comunicação mais recentes são exatamente paralelos no esforço análogo de dominar a entropia através da realimentação. Ambos tem receptores sensórios como um estágio de seu ciclo de funcionamento, vale dizer, em ambos existe um instrumento especial para coligar informação do mundo exterior, a baixos níveis de energia, e torná-la acessível na operação do indivíduo ou da máquina.” WIENER, Norbert. *Cibernética e Sociedade – o uso humano dos seres humanos*. São Paulo: Cultrix, 1979, p. 26.

forma de um movimento contínuo, capaz de sair do computador e se expandir em uma rede de transmissão. As avaliações acerca da utilização do computador não eram, contudo, unânimes:

“Todavia, neste ponto preciso da história do computador, do qual vemos a proximidade e a intimidade com a família das técnicas de comunicação, certas clivagens já começam a se estabelecer, que não deixam de lembrar, também nesse caso, os primórdios da história da escrita. Duas tendências começam a se esboçar, segundo se considere o computador, assim como fará Von Neumann, uma máquina para tratar a informação ou uma máquina de comunicar, segundo expressão de Norbert Wiener. No primeiro caso, toda inovação tende a reforçar os desempenhos internos da máquina, sua capacidade de autonomia em relação ao ambiente.”⁷

No caso de Wiener, a diferença entre sua ideologia da comunicação e as demais é seu caráter abrangente e pacifista, já que ela não designa um inimigo humano, e sim a entropia — ou seja, a desordem, o déficit organizacional, o sufocamento da informação. O pensamento de Wiener concebe três alternativas básicas: 1-) entre rigidez e capacidade de aprendizagem (destacando a importância do *feedback*, da retroação); 2-) entre segredo e transparência da informação; 3-) entre a imobilização e armazenagem da informação e sua circulação. O sistema assim proposto é, necessariamente, dinâmico, aberto e complexo. Entretanto, os financiamentos voltam-se para a construção de máquinas cada vez mais potentes, buscando o desenvolvimento da inteligência artificial, na linha de Von Neumann. É perceptível, portanto, a convergência histórica entre o nascimento do computador e as necessidades de defesa geradas pela “Guerra Fria”. Nesse período desenvolve-se o SAGE, a primeira rede de informática em escala nacional; posteriormente, no âmbito universitário e militar é criada a ARPANET, a ancestral da Internet. A Internet desenvolve-se a partir da interação entre pesquisa científica fundamental, programas militares e contracultura radical libertária. Posteriormente, a cultura empresarial fará o gancho da Internet com a sociedade.

Assim, quando Castells afirma que a Internet é o tecido de nossas vidas no momento, ele está pensando em redes de computadores capazes de se comunicar entre si — algo mais próximo de Wiener —, mas também numa tecnologia de processamento de informações numa escala gigantesca, capaz de gerar novas formas de organização e controle o capital — uma visão mais próxima de Von Neumann:

“De fato, em todo o planeta os núcleos consolidados de direção econômica, política e cultural também estarão integrados na Internet. Isso não resolve sequer minimamente os problemas de desigualdade, e a eles farei referência mais adiante. No essencial, porém, isso significa que a Internet é — e será ainda mais — o meio de comunicação e de relação essencial sobre o qual se baseia uma forma de sociedade que nós já vivemos — aquela que eu chamo de sociedade em rede.”⁸

⁷ BRETON, P. & PROULX, S. *Sociologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 77.

⁸ CASTELLS, Manuel: “Internet e sociedade em rede”. In: MORAES, Denis de (org.) *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 256.

Resta discutir, entretanto, o que significa a idéia de uma “sociedade em rede” e quais as implicações — sociais, econômicas e culturais — que ela traz para a vida dos indivíduos.

A “nova” economia e o “novo” proletariado

Um primeiro aspecto relacionado à constituição de uma sociedade em rede retoma a perspectiva de Von Neumann acerca do computador como máquina de processar informação, que o faz desempenhar um papel crucial no atual estágio do capitalismo. A “nova economia” não é a das empresas que produzem ou desenham a Internet, mas daquelas que funcionam com e através da Internet. Mais que as transações de empresa para consumidor, que representam 20% do total, o que cresce é o número de transações empresa-empresa. Quase todo o trabalho interno das empresas, de relação com os provedores e com os clientes, está sendo feito pela rede. Segundo Castells, estamos vivendo um momento de transformação no modelo de empresa: a “grande empresa industrial baseada na produção estandardizada e na linha de montagem, hoje tem a capacidade de funcionar em rede, de articular diretamente o mercado, os insumos e provedores e a organização interna da empresa *on line* em todas as tarefas.”⁹ A conexão em redes também altera a estrutura de funcionamento do capital. Hoje, seu centro é formado por mercados financeiros globalizados que funcionam mediante conexão entre computadores. As transações financeiras passam a ser eletrônicas, o que explica a articulação, a interdependência e a volatilidade do mercado financeiro global.

O capital de risco encontra nesse ambiente as melhores condições para o seu desenvolvimento, permitindo que se financiem idéias antes mesmo que elas produzam algo. O “mercado” — essa entidade misteriosa — valoriza a inovação *per se*, com base na valorização das iniciativas que se desenvolvem a partir das empresas. Ou seja, como explica Castells: é possível “lançar” uma idéia na Internet e vendê-la a uma empresa de capital de risco que, por sua vez, disponibiliza os fundos iniciais para se começar a produzir algo que é colocado em oferta pública e que o “mercado” valorizará ou não. Algumas empresas alcançaram um sucesso fenomenal da noite para o dia nesse processo, mas boa parte delas soçobrou no estouro da bolha especulativa da Internet poucos anos atrás.

Se todo esse impacto na estrutura do capitalismo se dá pelas possibilidades abertas pela rede, seria de se esperar que a Internet fosse o desaguadouro natural dos trabalhadores do novo milênio. Apesar da velocidade espantosa com que a Internet cresce essa não é, entretanto, a realidade da nova economia se a pensarmos em termos globais. Castells distingue dois tipos

⁹ CASTELLS, op. cit., p. 269.

de ‘geografia’ da Internet: a dos usuários e a dos provedores de conteúdo. Os usuários estão concentrados no mundo desenvolvido (em média, de 25% a 30% da população dos países da OCDE, 3% no resto do mundo e, nos casos da África subsaariana e sul da Ásia, menos de 1%). No caso dos provedores, estes se concentram nas grandes áreas metropolitanas dos principais países do mundo (já que são essas as áreas de maior concentração de recursos humanos especializados). A divisão tecnológica tende diminuir consideravelmente nos países ricos, embora siga ainda sendo um problema nos países do Terceiro Mundo (independentemente das políticas de inclusão digital). Por outro lado, Castells chama a atenção para outra forma de divisão digital, que também pode ser encontrada nos países mais desenvolvidos:

“O que se observa, contudo, naquelas pessoas, sobretudo estudantes, crianças, que estão conectadas é que aparece um segundo elemento de divisão social mais importante que a conectividade técnica: a capacidade educativa e cultural de utilizar a Internet. Uma vez que toda a informação está na rede — ou seja, o conhecimento codificado, mas não aquele de que se necessita —, trata-se antes de saber onde está a informação, como buscá-la, transformá-la em conhecimento específico para fazer aquilo que se quer fazer. Essa capacidade de aprender a aprender; essa capacidade de saber o que fazer com o que se aprende; essa capacidade é socialmente desigual e está ligada à origem social, à origem familiar, ao nível cultural, ao nível de educação. É aí que está, empiricamente falando, a divisória digital nesse momento.”¹⁰

Resta saber se essa divisão necessitaria ser vencida para que a estrutura econômica viesse a funcionar “melhor” — melhor para quem?, poder-se-ia perguntar. Antoine Picon¹¹ lembra que há uma diferença entre as formas e ritmos de mudança na história das técnicas e na história da cultura. Desse modo, recupera a idéia de “sistemas técnicos”: cada época e/ou cultura possuiria um sistema técnico dominante. Teríamos, portanto, os “sistemas clássicos”, baseados no binômio água e madeira, um primeiro sistema industrial, baseado no ferro, no carvão e no vapor e, finalmente, um segundo sistema industrial, que conjugaria o ferro, o motor à explosão e a eletricidade. Estes sistemas não se sucederiam no tempo e no espaço, num movimento de superação — antes, co-existiriam, de maneiras híbridas, em diferentes combinações e hierarquias. Assim, para Picon, fica difícil responder a questão de se vivemos, hoje, em um novo sistema técnico baseado na informática e nas redes de comunicação, em função das “opacidades” provocadas pela pluralidade de técnicas e por seus desdobramentos sociais. Uma das conseqüências dessa hibridização de técnicas é que podemos perceber uma

¹⁰ CASTELLS, op. cit., p. 266.

¹¹ PICON, Antoine. “Entrevista: o dinamismo das técnicas”. In: SCHEPS, Ruth (org.) *O império das técnicas*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

estratificação social a partir da inserção ou não dos indivíduos no sistema técnico dominante: muitas pessoas ficam à margem das inovações.

Castells possui uma visão relativamente otimista em relação a este aspecto: para ele, a difusão das tecnologias de informação não resultará em desemprego em massa no futuro. Os empregos migram para os países em desenvolvimento, gerando postos mais qualificados nos países centrais. Nesse sentido, o risco antevisto por ele está na precarização/deterioração das condições de trabalho, e não no desemprego. Já o quadro pintado por David Harvey se choca com esse cenário. Harvey retoma Marx para mostrar que a acumulação flexível nada mais é que uma recombinação das estratégias de mais-valia absoluta e mais-valia relativa. O “fordismo periférico” é a transferência do capital corporativo para regiões de baixos salários. As inovações tecnológicas provocam uma cisão brutal na força-de-trabalho, separando um pequeno contingente, altamente qualificado e valorizado, das grandes massas pouco qualificadas que lutam com péssimas condições de trabalho e/ou desemprego:

“No final, com efeito, o que conta é o modo particular de combinação e de alimentação mútua das estratégias absoluta e relativa. Curiosamente, o desenvolvimento de novas tecnologias gerou excedentes de força-de-trabalho que tornaram o retorno de estratégias absolutas de extração de mais-valia mais viável mesmo nos países capitalistas mais avançados. O que talvez seja mais inesperado é o modo como as novas tecnologias de produção e as novas formas coordenantes de organização permitiram o retorno dos sistemas de trabalho doméstico, familiar e paternalista que Marx tendia a supor que saíam do negócio ou seriam reduzidos a condições de exploração cruel e de esforço desumanizante a ponto de se tornarem intoleráveis sob o capitalismo avançado.”¹²

Como mostrou Zigmunt Bauman, na atual “modernidade líquida” assistimos ao desengajamento do capital e do trabalho. As novas tecnologias tornam a dependência da produção em relação à mão de obra cada vez menor. Richard Sennett mostra que a antiga condição de emprego, embora pudesse tolher fortemente a criatividade e as habilidades humanas, construía, no entanto, uma vida humana, que podia ser planejada. Tanto os trabalhadores como os donos de fábrica sabiam que os dois lados dependiam um do outro, e que eles iriam se encontrar amanhã, depois de amanhã, no ano seguinte ... uma certeza que já não existe mais.¹³ Outro ponto de inflexão na cultura contemporânea salientado de diferentes maneiras por esses dois autores é o deslocamento valorativo da esfera da *produção* pra a esfera do *consumo*.

Nessa perspectiva de José Luiz Aida Prado, a naturalização da rede por Castells impede que ele discuta o *enredamento* na mesma e de que maneira ele serve aos interesses de uma

¹² HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 175.

¹³ BAUMAN, Zigmunt: *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001; SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

globalização neoliberal (e não pluralista) — as redes são o novo tecido da sociedade, e das redes não se pode escapar:

“O que fazer senão adaptar-se a essa nova realidade do mundo, que convida ao enredamento? O discurso de Castells naturaliza na medida em que: 1-) fala da rede de modo não específico, cabendo aí um significado demasiado alargado; 2-) fala da rede como uma paisagem dada, sem tematizar seu processo de constituição; 3-) não fala de um confronto, ocultando o conflito básico entre as redes neoliberais de produção do discurso neoliberal naturalizador das redes, e as rede de resistência, como as empreendidas em Seattle, contra a OMC.”¹⁴

Como contra-exemplo Aidar cita Ulrich Beck, que distingue entre “globalismo” (processos globais reduzidos à esfera econômica, de acordo com os interesses neoliberais) de “globalização” (processos plurais). Aidar encampa a proposta de Beck, que trata o globalismo econômico como um dado de realidade — fruto de um processo histórico e da reunião de determinados interesses —, a partir de um paradigma crítico, o da globalização multidimensional. Beck pensa que a globalização é um processo irreversível, e que qualquer proposta política deve partir dessa idéia de uma sociedade mundial policêntrica. Entretanto, reduzir esse processo exclusivamente a sua dimensão econômica, como quer a ideologia neoliberal, é que deve ser combatido. [\[Historinha do Fukuyama em nota?\]](#)

Sociabilidade & Conexões

Por outro lado, ao retomarmos a perspectiva de Norbert Wiener — o computador visto como uma máquina de comunicação — imediatamente seremos atraídos pelos usos sociais e culturais da Internet. Destaca-se, nesse sentido, a utilização da Internet como uma ferramenta de comunicação entre pessoas que não possuem, necessariamente, uma relação física, espacialmente localizada. Tecnófilos com pretensões tofflerianas diriam que estamos presenciando a transferência de comunidades concretas para comunidades “virtuais”. Vale, nesse caso, lembrar a noção de condicionamento de Pierre Lévy — as oportunidades disponibilizadas pela tecnologia ao social são ambivalentes, quando não, ambíguas. Ou seja: as tecnologias que permitem unir globalmente as pessoas também podem funcionar como elementos anti-sociais, e até de reclusão. Retomando Castells, a “Internet é um instrumento que desenvolve, mas que não muda os comportamentos; ao contrário, os comportamentos apropriam-se da Internet, amplificam-se e potencializam-se a partir do que são.”¹⁵

O desenvolvimento de projetos individuais nas sociedades contemporâneas encontra na Internet a possibilidade de uma extensão dos limites físicos do cotidiano, gerando

¹⁴ PRADO, José Luiz Aidar. “O enredamento globalizante de Castells”. In: PRADO, J. L. A. & SOVIK, L. (orgs.) *Lugar global e lugar nenhum: ensaios sobre democracia e globalização*. São Paulo: Hacker, 2001, p. 113.

¹⁵ Castells, op. cit., p. 273.

comunidades/redes de afinidades. Haveria, no entender de diversos estudiosos, uma tendência de diminuição da sociabilidade de base comunitária física tradicional. A “privatização” da sociabilidade (a sociabilidade entre pessoas que constroem laços eletivos) é facilitada pela Internet, que potencializa (mas não determina) a formação dessas redes pessoais:

“Quer dizer, há pessoas e grupos de forte sociabilidade nos quais são correlativas a sociabilidade real e a virtual. E há pessoas e grupos de frágil sociabilidade em que também são correlativas a fraca sociabilidade real e virtual. O que acontece é que nos casos de fraca sociabilidade real, há alguns efeitos compensatórios através da Internet; ou seja, utiliza-se a Internet para sair, relativamente, do isolamento. O que alguns estudos fazem é medir essa correlação e constatar que se trata de pessoas isoladas socialmente que usam muito a Internet, e concluem que a Internet isola.”¹⁶

Para Castells, o êxito das comunidades virtuais está relacionado, em geral, ao fato delas estarem voltadas para a execução de tarefas ou perseguir interesses comuns — rechaçando, dessa maneira, um certo senso-comum que faria da Internet um *playground* de *nerds* e tarados virtuais:

“A idéia de que a Internet é um lugar onde as pessoas falam de qualquer bobagem, fazem fofoca etc. é absolutamente superficial. Isso é extremamente minoritário, muita gente não tem tempo para isso. O que ocorre é que aquelas histórias de identidades falsas, de que as pessoas se disfarçam de qualquer coisa, de dizer ser o que não são, fazem a delícia dos sociólogos pós-modernos. É verdade que isso existe, porém se dá sobretudo entre os adolescentes. E o que fazem os adolescentes em geral? Inventam e experimentam identidades, falam abobrinha, sempre que podem, criam uma cultura própria de experimentação identitária. E isso eles fazem também na Internet.”¹⁷

A observação de Castells é pertinente, mas também pode ser relativizada: serão apenas os adolescentes que “falam abobrinha” na Internet? Em que medida isso não refletiria outro traço da cultura contemporânea — a sua “juvenilização”? Para o sociólogo Frank Furedi, uma das características dessa “juvenilização” da cultura seria uma nostalgia precoce, promovida como algo *cool*, materializada no consumo de brinquedos, *souvenirs* de séries televisivas antigas, desenhos animados, jogos eletrônicos, artigos de papelaria e escritório de marcas “infantis” como Hello Kitty, Garfield, Snoopy, etc.: “A celebração da imaturidade é reafirmada constantemente pela mídia. [...] Peter Pan, o garoto que não queria crescer, teria poucas razões para fugir de casa se vivesse em Londres, Nova Iorque ou Tóquio hoje.”¹⁸ A velocidade e a facilidade de comunicação das novas tecnologias, em especial da Internet, apesar de seus aspectos positivos, tendem a marcar a rapidez cada vez maior do fluxo temporal, ampliando a sensação de obsolescência. É como se o tempo vivido se tornasse diferente do tempo medido. Em vários sentidos, esse processo de “juvenilização” é correlato dos processos de desencaixe

¹⁶ Idem, p. 275.

¹⁷ Idem, p. 275/276.

¹⁸ FUREDI, Frank. “Não quero ser grande”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 25 jul. 2004. Mais!

da modernidade tardia (Giddens), de desengajamento e perda de referenciais sólidos da modernidade líquida (Bauman). Conforme observa Furedi,

“A infantilização da sociedade contemporânea é movida por paixões que são específicas de nosso tempo. O desejo compreensível de não ter aparência de velho(a) cedeu espaço à busca consciente da imaturidade. No passado, as pessoas queriam parecer jovens e atraentes, mas não necessariamente comportar-se como crianças. A obsessão atual por coisas infantis pode parecer um detalhe trivial, mas a saudade onipresente da infância entre os adultos jovens é sintomática de uma insegurança profunda em relação ao futuro. A hesitação em aderir à condição adulta reflete uma aspiração reduzida à independência, ao compromisso e à experimentação.”¹⁹

Esses traços de insegurança permeiam o mundo contemporâneo, indo das macropolíticas institucionais²⁰ às micropolíticas do cotidiano. As facilidades de conectar-se proporcionadas pelas novas tecnologias geram uma segurança ambígua, permeada tanto pelo desejo de agregar-se como pelo desejo de isolar-se. Para Bauman, “O advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves. As conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para condensar-se em laços.”²¹ Desse modo, não seria possível pensar que, da mesma maneira que Dominique Wolton²² apontava a televisão como uma geradora de laços sociais tênues, a Internet, por sua vez, não propiciaria também a possibilidade de conexões sociais cada vez mais tênues? O *boom* das “comunidades” construídas no Orkut talvez seja exemplar a respeito disso. Inclusive porque diversas dessas comunidades são utilizadas para relembrar os “bons velhos tempos” de seus jovens membros. A comunidade “Infância 80”, criada pela publicitária Rafaela Castillo, por exemplo, já tem quase 30 mil membros. Na mesma perspectiva, interações pessoais são estimuladas pelos sites da Internet, que oferecem a possibilidade de conhecer pessoas nos *chats*, nos grupos de encontro, nos buscadores de pessoas dispostas a estabelecer amizade ou algo mais:

“Terminar quando se deseja — instantaneamente, sem confusão, sem avaliação de perdas e sem remorsos — é a principal vantagem do namoro pela internet. Reduzir riscos e, simultaneamente, evitar a perda de opções é o que restou de escolha racional num mundo de oportunidades fluídas, valores cambiantes e regras

¹⁹ FUREDI, op. cit.

²⁰ “Quando as torres de Manhattan foram destruídas por aviões guiados por homens, a classe virtual (que se encontrava dentro daquelas torres, trancada a sete chaves, desenvolvendo seu trabalho) saiu de sua condição de puro espírito e descobriu que possuía um corpo físico, carnal, que podia ser atacado, ferido e morto. E, ainda, um corpo social que podia empobrecer, ser despedido e colocado em condições de sofrimento, de marginalização e de miséria. Para não falar de um corpo afetivo, erótico, que podia entrar em uma fase de depressão e pânico.” BERARDI, Franco. “O futuro da Tecnosfera de rede” In: MORAES, op. cit., p. 294.

²¹ BAUMAN, Z. *Amor Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 82.

²² “Não há oposição entre a televisão, que diria respeito à maioria, às massas, e as novas mídias que seriam relativas ao indivíduo. Ambas geram o mesmo problema, o da relação contraditória entre a escala individual e a coletiva. Apenas elas o geram de maneira diferente” WOLTON, Dominique. *Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias*. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 120.

instáveis. E o namoro pela internet, ao contrário da incômoda negociação de compromissos mútuos, se ajusta perfeitamente (ou quase) aos novos padrões de escolha racional.”²³

Paradoxalmente, as facilidades de contato proporcionadas pelas novas tecnologias não propiciam, necessariamente, um aprofundamento das possibilidades de interação social — ou, antes, permitem justamente o seu oposto, como observa Bauman:

“Quanto mais atenção humana e esforço de aprendizado forem absorvidos pela variedade virtual de proximidade, menos tempo se dedicará à aquisição e ao exercício das habilidades que o outro tipo de proximidade, não-virtual, exige. Essas habilidades caem em desuso — são esquecidas, nem chegam a ser aprendidas, são evitadas ou a elas se recorre, se isso chega a acontecer, com relutância. Seu desenvolvimento, se requerido, pode apresentar um desafio incômodo, talvez até insuperável.”²⁴

Não se trata, é bom deixar claro, de demonizar a Internet como mais uma ponta-de-lança do neoliberalismo individualista diluidor das verdadeiras relações humanas, etc. etc., mas de pensá-la a partir de suas contradições. A própria idéia de uma sociabilidade mais “tênuê” não é apanágio da pós-modernidade — a menos que situemos, por exemplo, Georg Simmel e Gabriel Tarde não como sociólogos de seu tempo, mas como profetas do nosso. Elementos “superficiais” sempre estiveram presentes nas relações sociais, e os aspectos lúdicos da convivência humana, lembrando Huizinga, também são elementos constitutivos das organizações sociais. Por outro lado, há que se ter certa prevenção em relação à celebração pura e simples da potencialidade das novas tecnologias. A questão, talvez, seja: em que medida essas novas tendências afetam o “tecido” social? Obviamente, só a partir de uma série de pesquisas empíricas poderíamos ter elementos mais sólidos para refletir acerca disso. O que este texto procurou construir foi, menos que um programa de pesquisa, um conjunto de indicações para refletir acerca das ambivalências das novas tecnologias e de seus usos sociais.

Bibliografia

BAUMAN, Zigmunt: *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____ : *Amor Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BERARDI, Franco. “O futuro da Tecnosfera de rede” In: MORAES, Denis de (org.) *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BRETON, P. & PROULX, S. *Sociologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2002.

²³ BAUMAN, *Amor líquido*, p. 85.

²⁴ BAUMAN, *idem*, p. 84.

CASTELLS, Manuel: “Internet e sociedade em rede”. In: MORAES, Denis de (org.) *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FORD, Aníbal. “‘Procesados por otros’: diferencias infocomunicacionales y sociocultura contemporánea”. *DataGramZero – Revista de Ciência da Informação*, v. 2, n. 2, abril 2000. Disponível em < <http://www.dgzero.org/abr00> >. Acesso em maio de 2005.

FUREDI, Frank. “Não quero ser grande”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 25 jul. 2004. Mais!

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

PICON, Antoine. “Entrevista: o dinamismo das técnicas”. In: SCHEPS, Ruth (org.) *O império das técnicas*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

POSTMAN, Neil. *Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia*. São Paulo: Nobel, 1994.

PRADO, José Luiz Aidar. “O enredamento globalizante de Castells”. In: PRADO, J. L. A. & SOVIK, L. (orgs.) *Lugar global e lugar nenhum: ensaios sobre democracia e globalização*. São Paulo: Hacker, 2001.

RUDIGER, Francisco. *Introdução às teorias da cibercultura: perspectivas do pensamento tecnológico contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.

THOMPSON, John B.. *A mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

WIENER, Norbert. *Cibernética e Sociedade – o uso humano dos seres humanos*. São Paulo: Cultrix, 1979.

WOLTON, Dominique. *Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias*. Porto Alegre: Sulina, 2003.